

ESCOLA: _____
Prof.: _____
Nome: _____

1	(A)	(B)	(C)	(D)
2	(A)	(B)	(C)	(D)
3	(A)	(B)	(C)	(D)
4	(A)	(B)	(C)	(D)
5	(A)	(B)	(C)	(D)
6	(A)	(B)	(C)	(D)
7	(A)	(B)	(C)	(D)
8	(A)	(B)	(C)	(D)
9	(A)	(B)	(C)	(D)
10	(A)	(B)	(C)	(D)

D19 Questão

Leia texto e, a seguir, responda.

O direito das crianças

Ruth Rocha

Toda criança no mundo
Deve ser bem protegida
Contra os rigores do tempo
Contra os rigores da vida.
Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.
Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos têm de respeitar.
Tem direito à atenção
Direito de não ter medos
Direito a livros e a pão
Direito de ter brinquedos.
Mas criança também tem
O direito de sorrir.
Correr na beira do mar,
Ter lápis de colorir...
Ver uma estrela cadente,
Filme que tenha robô,
Ganhar um lindo presente,
Ouvir histórias do avô.
Descer do escorregador,
Fazer bolha de sabão,

Sorvete, se faz calor,
Brincar de adivinhação.
Morango com chantilly,
Ver mágico de cartola,
O canto do bem-te-vi,
Bola, bola, bola, bola!
Lamber fundo da panela
Ser tratada com afeição
Ser alegre e tagarela
Poder também dizer não!
Carrinho, jogos, bonecas,
Montar um jogo de armar,
Amarelinha, petecas,
E uma corda de pular.

Disponível em:

<<https://leiturinha.com.br/blog/10-poemas-famosos-para-ler-comas-criancas>
>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Com a repetição da palavra “bola” (8ª estrofe), a autora

- (A) apresenta um tipo de brincadeira.
- (B) enfatiza que criança tem direito de brincar.
- (C) reforça que criança deve fazer bola de sabão.
- (D) indica que criança deve brincar apenas com bola.

D19 Questão

Leia o texto e, a seguir, responda.

Bilhete

Mario Quintana

Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres,
enfim,
tem de ser bem devagarinho, Amada,
que a vida é breve, e o amor mais breve
ainda...

Disponível em: <https://www.pensador.com/autor/mario_quintana/>. Acesso em: 15 jun. 2018.

No poema, o uso dos diminutivos “baixinho” (v. 1) e “devagarinho” (v. 7) indica

- (A) afetividade.
- (B) deboche.
- (C) rejeição.
- (D) ironia.

D5 Questão

Leia a tirinha e, a seguir, responda.



Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/10-poemas-famosos-paralar-com-as-criancas/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Ao se associar as linguagens verbal e não verbal, conclui-se que o menino começa a correr porque

- (A) queria fugir da lagarta.
- (B) ficou com medo do tigre.
- (C) estava brincando com o tigre.
- (D) viu uma lagarta perto do tigre.

D5 Questão

Leia o texto e, a seguir, responda.



Disponível em: <<http://www.quadrinhosacidos.com.br/2014/10/67-falta-dagua.html>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Ao associar a fala da jornalista com as ações

retratadas nos quadrinhos, conclui-se que há falta de água porque as pessoas

- (A) lavam louças.
- (B) tomam banho.
- (C) escovam dentes.
- (D) desperdiçam água.

D5 Questão

Leia o texto e, a seguir, responda o item 5.



Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/630222541578775580/?lp=tru>>. Acesso em: 13 jun. 2018

A fala e a expressão do homem no último quadrinho revelam que ele está

- (A) desconfiado.
- (B) preocupado.
- (C) indiferente.
- (D) empolgado.

Leia o texto e, a seguir, responda as questões 06 e 07.

Mata-Sete

Na floresta, moravam dois gigantes ferozes que viviam matando quem passava por perto. O rei mandou que Mata-Sete fosse prender os dois gigantes. Mata-Sete foi à procura dos gigantes, mais morto do que vivo, e, assim que ouviu as pisadas dos dois, escondeu-se bem escondido. Os dois gigantes chegaram muito cansados e estiraram-se na sombra de umas árvores, para dormir. Mata-Sete, assim que viu os dois agarrados no sono, apanhou uma pedra e atirou com força na cabeça de um deles. O gigante acordou, passou a mão na cabeça, olhou para todos os lados e continuou no sono. Vai Mata-Sete e joga outra pedra no segundo gigante. Este fez o mesmo, mas não vendo viva alma dormiu de novo. Mata-Sete repetiu a pedrada. O gigante acordou e balançou o companheiro com toda vontade, protestando contra aquela brincadeira bruta de bater com uma pedra na cabeça dele. Aquietaram-se, mas Mata-Sete seguiu atirando pedras ora num, ora noutro, e os dois gigantes terminaram zangados, discutindo, e agarraram-se numa luta de morte, caindo pelos barrancos, derrubando árvores, até que ficaram cobertos de sangue e quase mortos. Mata-Sete tirou a espada de um gigante e acabou de matar os dois grandões, levando as orelhas para mostrar ao rei que festejou muito.

(Mata-Sete, conto tradicional brasileiro registrado por Câmara Cascudo)

Disponível em: <<http://narrativas.com.br/camara-cascudo-contos-tradicionais-dobrasil/>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

D4 Questão

Pelas ações do personagem Mata-Sete, observa-se que ele era

- (A) esperto.
- (B) humilde.
- (C) covarde.
- (D) preguiçoso.

D14 Questão

O trecho que apresenta uma opinião do narrador é

- (A) "O rei mandou que Mata-Sete fosse prender os dois gigantes."

- (B) “Mata-Sete foi à procura dos gigantes, mais morto do que vivo, [...]”.
- (C) “Mata-Sete repetiu a pedrada.”.
- (D) “O gigante acordou e balançou o companheiro [...]”.

Leia o texto e, a seguir, responda as questões 08, 09 e 10.

A moça tecelã

Marina Colasanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comida. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado.

Estava justamente acabando de entremear o último fio do ponto dos sapatos, quando bateram à porta. Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida. Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo.

Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

– Uma casa melhor é necessária – disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

– Para que ter casa, se podemos ter palácio? – perguntou.


Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

– É para que ninguém saiba do tapete – ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: – Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos! Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo que fazia. Tecer era tudo que queria fazer.

Disponível em: l1nq.com/vMdn1. Acesso em: 05 jun. 2018.

D19 **Questão** 

No trecho “Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios


e escadas, e salas e poços.”, as palavras destacadas enfatizam que a moça trabalhava

- (A) eventualmente. (B) vagarosamente.
(C) distraidamente. (D) incansavelmente.

D4 Questão 

Ao ler o trecho “Por que ter casa, se podemos ter um palácio?”, conclui-se que o marido da tecelã era

- (A) sensato. (B) ambicioso.
(C) caprichoso. (D) compreensivo.

D14 Questão 

Um trecho que marca a opinião é

- (A) “Tecer era tudo o que fazia.”.
(B) “E não se esqueça dos cavalos!”.
(C) “– Uma casa melhor é necessária–”.
(D) “A neve caía lá fora”.